

URBANIZAÇÃO A PARTIR DAS ÁREAS LIVRES E VERDES

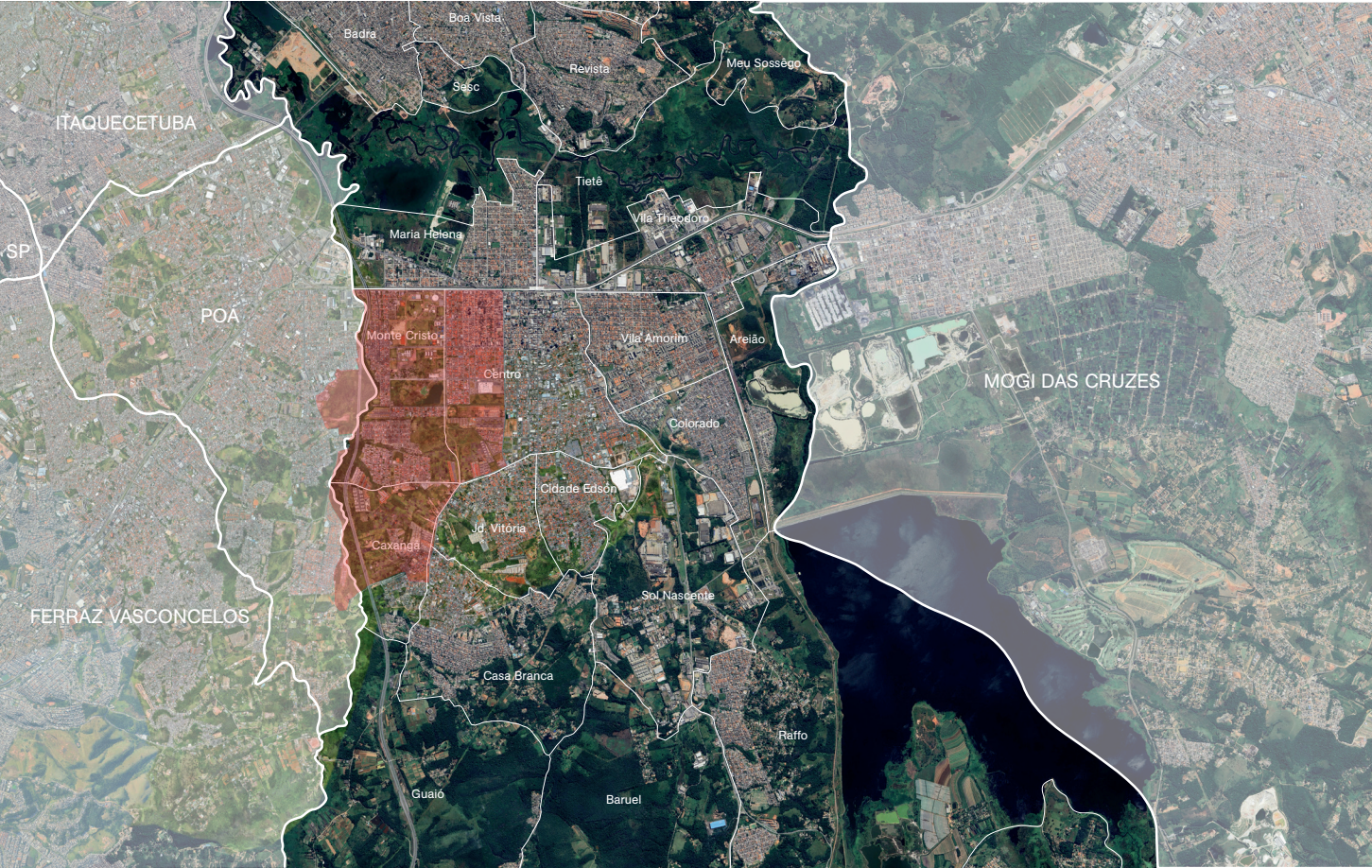
ALTERNATIVAS PARA A CONSTRUÇÃO DE CIDADES SUSTENTÁVEIS E INCLUSIVAS

As cidades contemporâneas enfrentam uma crise multidimensional que vai além da degradação ambiental, atingindo a própria essência da vida pública e do convívio social. Rogers denuncia o modelo funcionalista moderno, fragmentado, dependente do automóvel e negligente com a vida coletiva; e propõe a “cidade compacta”, com diversidade de usos e espaços verdes como elementos estruturantes. Jacobs, Gehl, Lefebvre e Speck convergem nessa direção: a qualidade urbana depende diretamente da qualidade dos espaços livres e de convivência. No Brasil, os índices médios de áreas verdes mascaram desigualdades profundas — enquanto distritos ricos superam 40 m²/hab, periferias ficam abaixo de 3 m²/hab, evidenciando uma exclusão territorial historicamente consolidada.

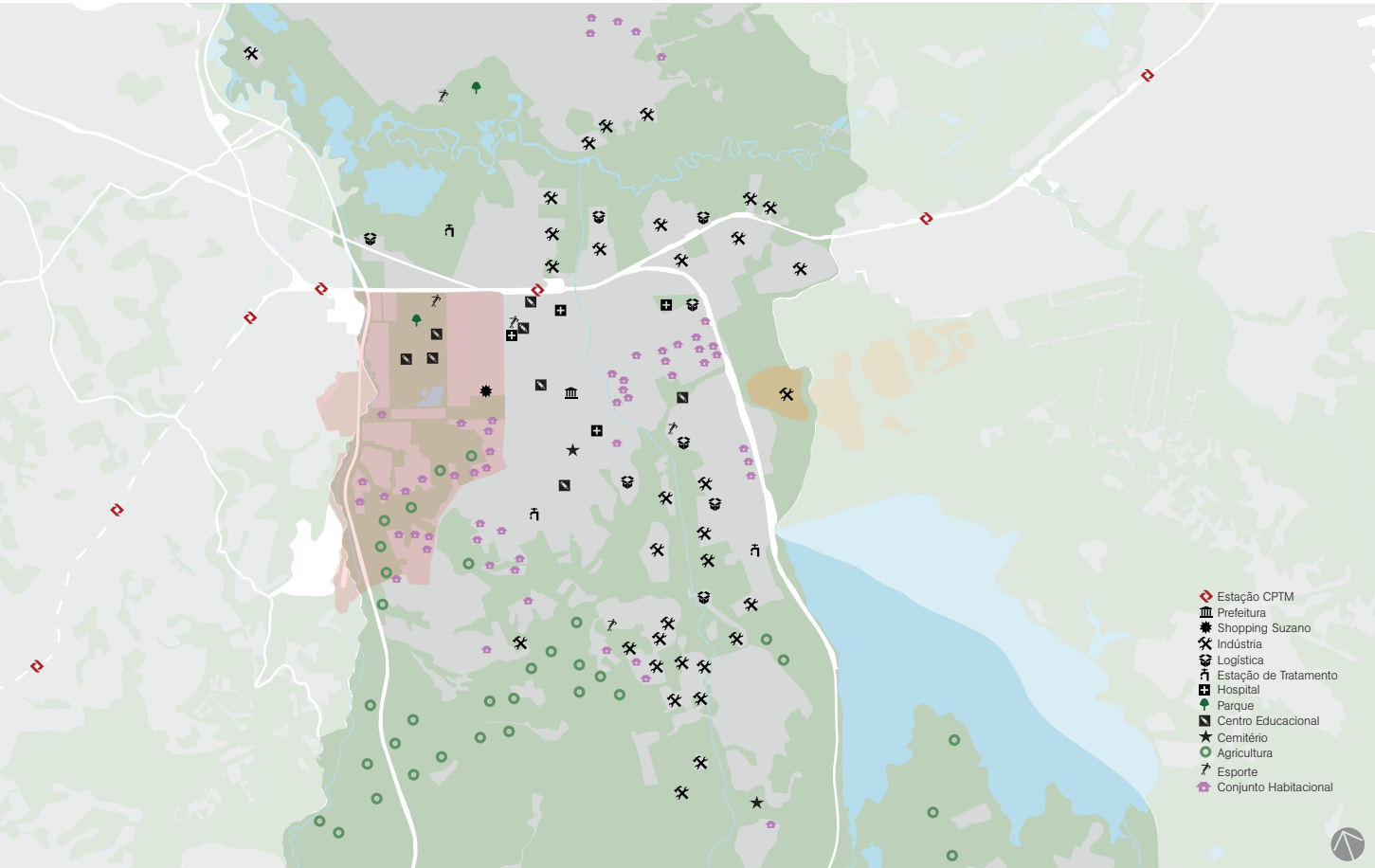
Esse diagnóstico se aprofunda na trajetória do urbanismo, marcada por sucessivas respostas às crises ambientais e sociais. Quatro correntes contemporâneas se destacam como alternativas ao funcionalismo: a Cidade Jardim, de Howard, que propõe equilíbrio entre campo e cidade; a Cidade Esponja, de Yu Kongjian, que integra drenagem natural à vida urbana; a Infraestrutura Verde e Azul, de Beatley e Spirn, que articula parques, rios e corredores ecológicos como redes estruturantes; e as Cidades Biofílicas, de Wilson, que defendem a integração profunda entre natureza e vida urbana como condição essencial para a sustentabilidade.

A partir desse panorama, consolida-se o argumento central desta pesquisa: as áreas verdes devem ser reconhecidas como infraestrutura fundamental da cidade, não como adornos ou compensações ambientais. Sua função abrange saúde coletiva, coesão social, resiliência climática e justiça territorial. Territórios periurbanos e vazios urbanos, frequentemente negligenciados pelo planejamento, representam oportunidades estratégicas de transformação. Garantir áreas verdes equitativamente distribuídas é, na perspectiva de Lefebvre, garantir o próprio direito à cidade.

É nesse contexto que Suzano emerge como campo de aplicação dessas ideias. Localizada na Região Metropolitana Leste de São Paulo, a cerca de 50 km da capital, a cidade sintetiza as contradições das cidades médias brasileiras: preserva cobertura significativa de Mata Atlântica e áreas agrícolas periurbanas, mas concentra bairros vulneráveis onde risco ambiental e exclusão social se sobrepõem. Os bairros Monte Cristo e Caxangá, na porção oeste do município, expressam com clareza esse paradoxo — territórios de alta fragilidade, mas também de elevado potencial de transformação a partir do protagonismo das áreas livres e verdes.



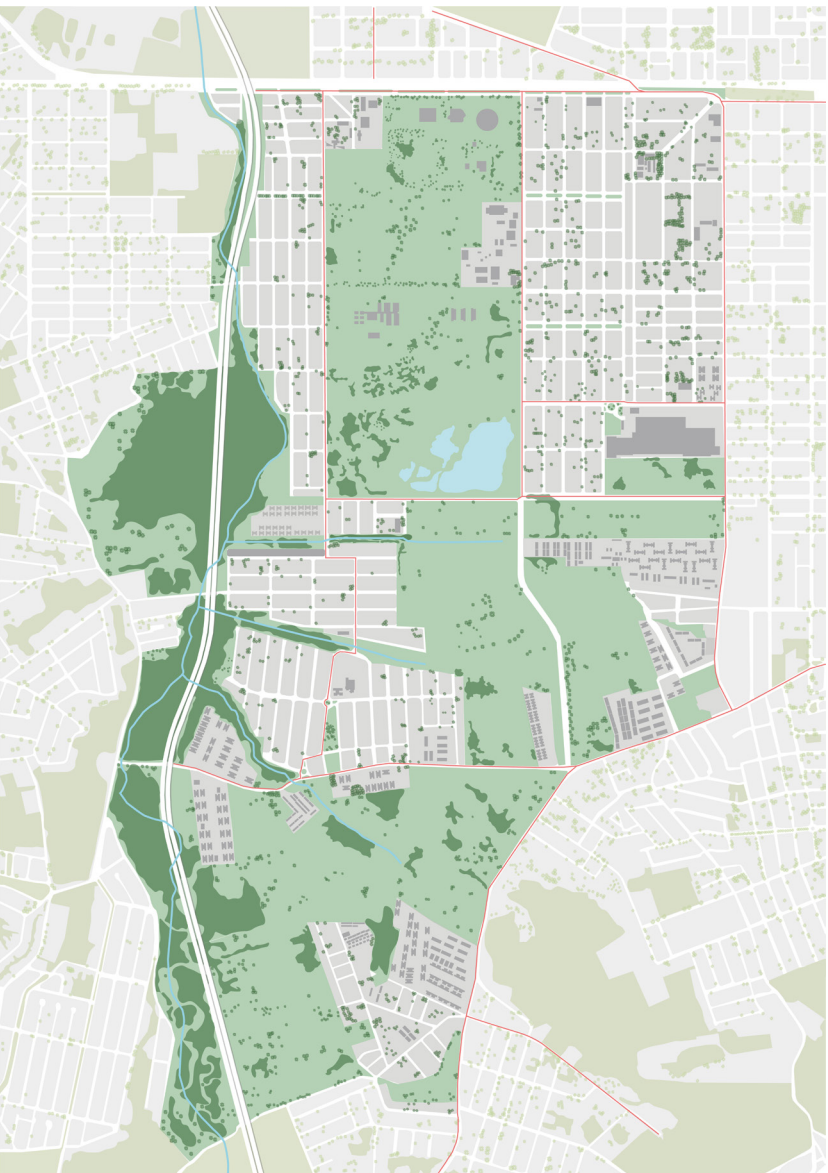
Ortofoto - Situação existente do território e perímetro de intervenção



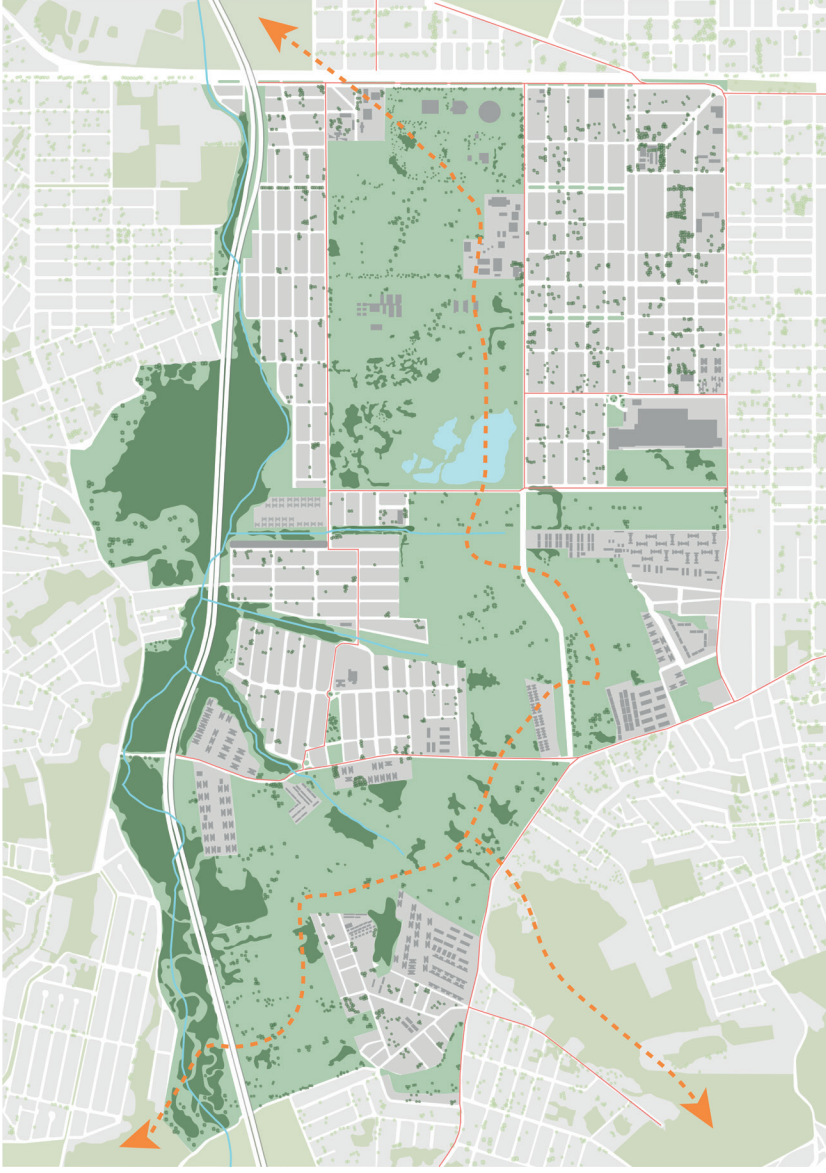
Ortofoto - Situação existente



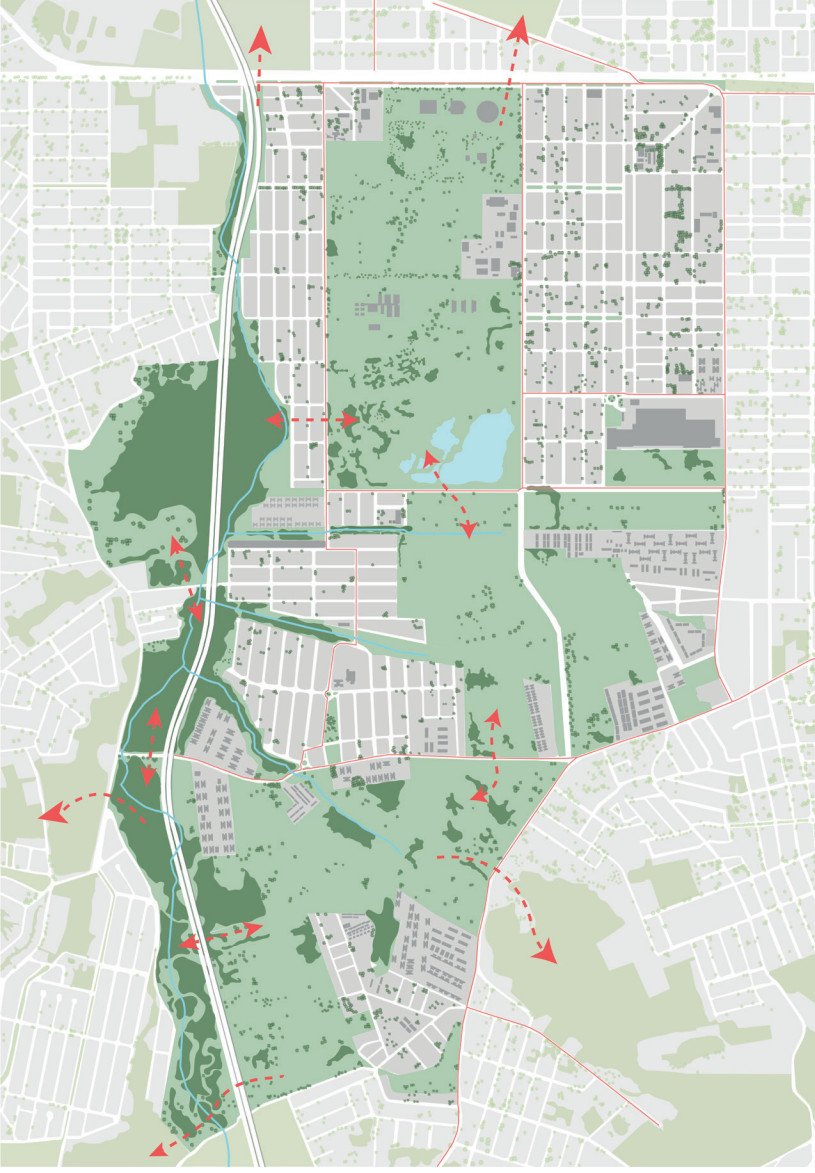
Ortofoto - Pontos de interesse



Área de intervenção - Situação existente do território



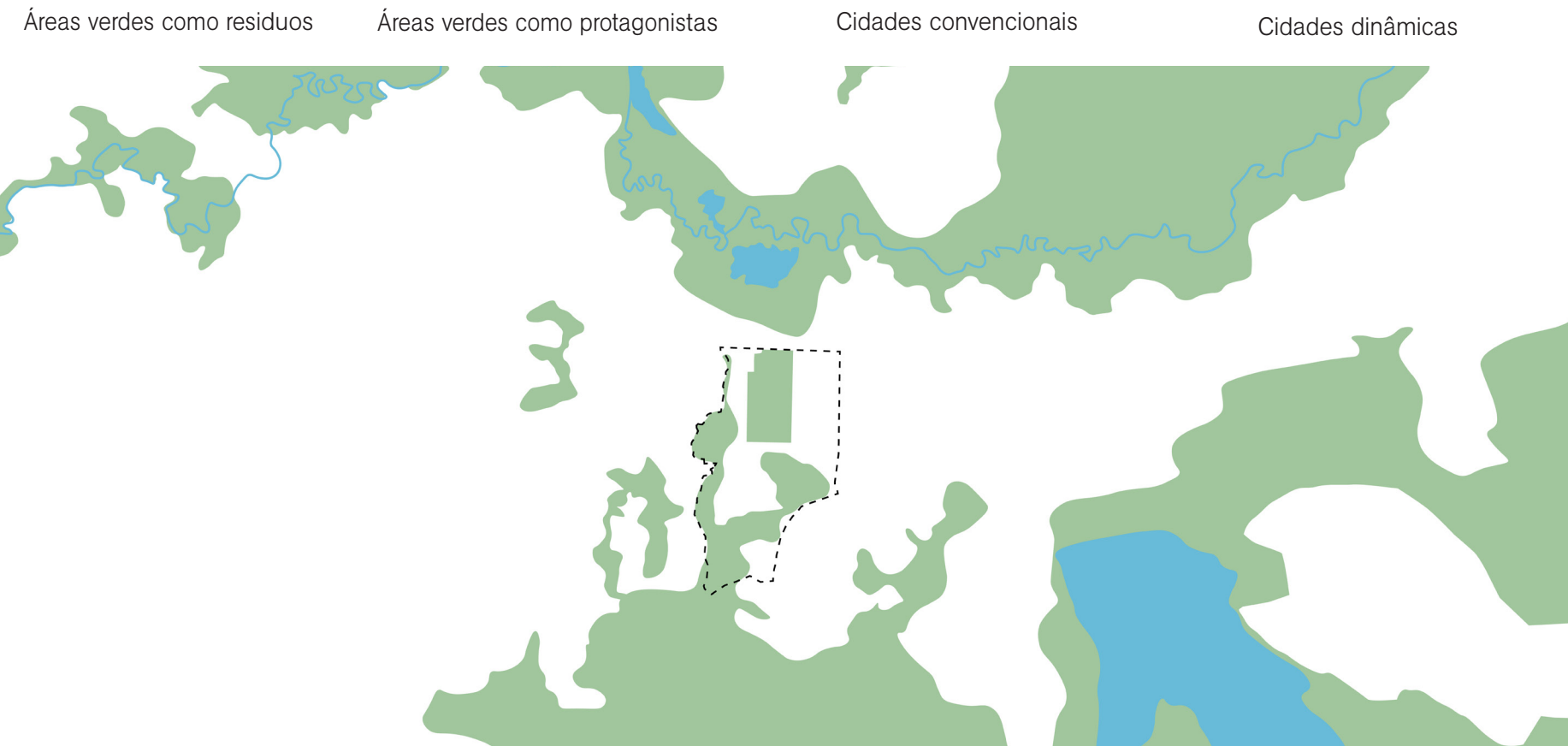
Conexões verdes externas



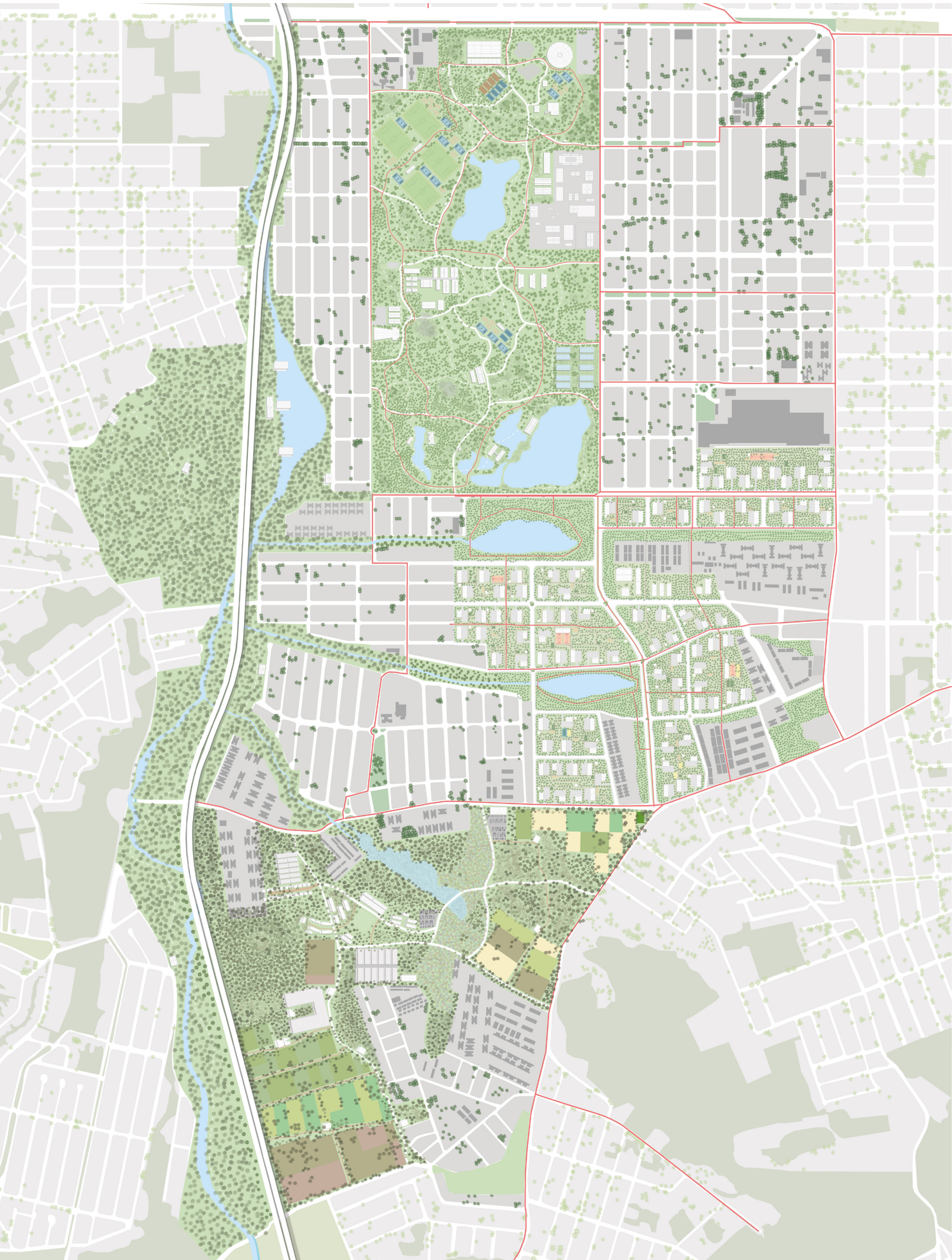
Conexões verdes internas



Área de intervenção e suas dinâmicas



Verdes existentes - Recorte de projeto



Área de intervenção - propostas implantadas